

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



(MINAYO, 1994, p.74). A análise proporciona um olhar atento para os dados coletados.

A pesquisa qualitativa, tipicamente gera um enorme volume de dados, que precisam ser organizados e compreendidos. Este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados a se iniciará na fase inicial e acompanhará toda a investigação. À medida que os dados vão sendo coletados, a pesquisadora procurará identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, a levará a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final.

Será adotado que permitirá destacar dimensões e categorias iniciais de análise, ou mesmo relações esperadas. Entretanto, por adotar um questionário semi estruturado, novas categorias de análises poderão surgir no decorrer das entrevistas aos serem analisadas.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

4.1 Desnuda na perspectiva de Gênero

Os estudos sobre gênero têm uma relevância nas pesquisas da historiadora Joan Scott (1914), assumidamente pós-estruturalista, faz uma leitura analítica do termo numa desconstrução e ressignificação de gênero, retomando os conceitos do francês Jacques Derrida nos vícios do pensamento ocidental, numa oposição que se entendia por universal e atemporal entre homem e mulher, o desafio colocado por essas reações, é em última análise teórico, diz Scott:

[...]não apenas da relação entre experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações humanas? Como o gênero dá sentido à organização e a percepção do conhecimento histórico? (Scott, 1990 p. 74)



Scott, através dos estudos de Michel Foucault, relaciona gênero em um entendimento sobre as diferenças sexuais e entre saber e poder, o gênero comprometido com as relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações (Scott, 1990).

[...] o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz a referência ao significado da oposição homem/mulher, ele também o estabelece...a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder. (p.23)

Scott (1990) conclui que gênero é uma percepção construída sobre as diferenças sexuais hierarquizadas pelas diferenças dentro de formas de pensamento cristalizadas. Não negando as diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa são as formas como os significados se constroem culturalmente para dar sentido a essas diferenças dentro de relações hierárquicas.

4.1.1 O corpo na história do corpo e o belo no corpo Ideal feminino

“Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (Le Breton, 1993 p. 7). Breton fala da importância de uma construção social e cultural que influenciava diretamente a construção corporal em sua existência fisiológica, *“o processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem”* (p. 8). Para Descartes na linguagem do seu *cogito* o corpo é uma máquina diferenciada das outras apenas pelas singularidades de sua engrenagem, mas dissocia a sua inteligência da sua carne. O corpo é parte da sua mecânica pois a essência do homem reside primeiro no seu *cogito*. (Le Breton, 1993).

A busca da própria imagem passa por influências sociais construídas ao longo do tempo; na idade média sob a influência religiosa a imagem corporal da mulher era representada pela figura de Eva e Maria, como referência de uma moral adequada para o âmbito privado assim como nos modelos simbólicos de gênero, uma mulher com aspecto subserviente e um olhar com aspecto entristecido, sem qualquer autonomia. Mary Del Priore (2002 p.18)

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



descreve as mudanças estéticas corporais femininas entre os séculos XVI e XVIII, a Europa abandonava os seios pequenos e quadris estreitos das mulheres retratadas por pintores como Dürer, para mergulhar nas dobras rosadas das “gordinhas” de Rubens e Rembrandt. Gordura era sinônimo de beleza, e distinção social, uma correlação direta entre gosto alimentar e gosto sexual. O renascimento mostra uma busca na perfeição do corpo feminino em medidas e formas retratado nas obras de arte a partir de estudos da anatomia humana, como nas obras de Da Vinci. No romantismo as formas das mulheres tomam formas mais volumosas e cheias de curvas, aparência de mulheres saudáveis, em contrapartida no século 19, que busca de exercícios físicos para uma melhor qualidade de vida e vem modificar o padrão estético de beleza e elegância, o desejável é a magreza, muitas vezes como obsessão em atingir esse ideal, tendo como algoz a influência midiática inflexível e cruel.

Segundo Minato e Traesel, pensando em termos de corpo como referencial de saúde feminina do passado o modelo citado é do corpo da boa mãe. Acreditava-se que a feminilidade estaria refletida em características corporais propícias à maternidade: seios volumosos, corpo arredondado, ancas desenvolvidas. Complementando a ideia de um modelo de corpo diferenciado pela reprodução. O corpo feminino, mais uma vez, aparece como um corpo diferenciado pela questão da reprodução e as mulheres ficam definidas como um grupo particular de paciente e um tipo distinto na espécie humana.

Segundo o sociólogo Antony Giddens (2002) podem ser distinguidos diversos aspectos do corpo com relevância especial para o eu e a auto-identidade. O corpo se tornou parte da reflexividade da modernidade: *"Regimes corporais e a organização da sensualidade na alta modernidade se abrem à atenção reflexiva contínua, contra o pano de fundo da pluralidade de escolha."* (GIDDENS, p.98).

Del Priore (2000) compreende o corpo feminino como marcado, ao longo dos tempos, pela exclusão e pela inferioridade. A autora acrescenta que, segundo médicos, o corpo feminino era menor, seus ossos pequenos, suas carnes moles e esponjosas, seu caráter considerado débil. Em contrapartida, a

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



autora apresenta a “*outra ponta dessa submissão*” (p.14). Esta outra ponta vem a ser a mulher como senhora da beleza e sensualidade.

As influencias da revolução industrial e a distribuição econômica global tem seu papel para a busca de padrões e modelos, baseado no significado do que é belo descobrimos que individualização e subjetividade dos sujeitos não comportariam tais valores, simplificando o máximo diremos que segundo o dicionário Aurélio entre outras definições seria de algo que tivesse qualidade agradável aos sentidos. Freud (1930/1996) no seu livro O mal estar da civilização, contextualiza a beleza como uma necessidade cultural:

[...] A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la. (p.13)

Definir o belo citando algo ou alguém que se acha belo, mesmo que seja fato, coisa ou pessoa considerada bela em diferentes culturas, não é defini-lo, mas exemplificá-lo então como modelo de belo se torna boneca Barbie, criada em 1959 magra, alta, loira e de olhos azuis, com uma cintura extremamente fina, durante algum tempo criticada por ser um modelo acima dos padrões comuns para as meninas, assim como no meio artístico cantoras e atrizes, tornam-se também replicas desses modelos e criam tendências e adéquam-se as tendências lançadas numa sociedade consumista não apenas pela moda mas pela busca dessa forma física ideal, para Giddens (2002), o corpo nesse contexto, torna-se fundamental na busca da identidade do sujeito. Na busca da definição da beleza, seus sentidos e sua origem apresenta-se para Freud um vazio sem respostas diante da subjetividade do sujeito.

Embora a ciência da estética investigue as condições sob as quais as coisas são sentidas como belas tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da natureza e da origem da beleza, e, tal como geralmente acontece, esse insucesso vem sendo escamoteado sob um dilúvio de palavras tão pomposas quanto ocas. (Freud p.13)



textos de alguns penitenciais revelam que durante cerimônias pagãs a moça ou a mulher se desnudava completamente a fim de provocar a fecundidade dos campos, a chuva etc. Tocar uma mulher significava, portanto, atentar contra o processo da vida. O homem e a mulher só podiam ficar nus num único lugar: aquele onde procriavam o leite, sacralizando-se a nudez.

No Brasil o primeiro registro está na carta de Pero Vaz de Caminha (1500) *“Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”*. Na poesia e na literatura do mesmo período Del Priore (p.18) destaca os adjetivos empregados para designar a mulher amada e a comida são os mesmos: *“delicada, succulenta, doce, deliciosa”*. Ela cita Gilberto Freire como o primeiro a evidenciar na literatura em casa Grande Senzala essa descrição das índias morenas de olhos negros e cabelos soltos se banhando no rio sendo observada pelos portugueses (p.19).

4.2.2 Nudez enquanto tabu

Existe em toda sociedade uma manipulação de poder sobre o qual se impõe condutas corporais coercivas, que desestrutura e aliena a produção dos sentidos do corpo e de sua percepção, que vai além da individual, imposição social, midiática, uma máquina que produz uma inversão de valores do que é ser humano nos conceitos das complexas relações interpessoais, familiares, sociais.

Como resposta à revolta ao corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: fique nu, [...] mas seja magro, bonito, bronzeado! (FOUCAULT, 1984, p.147).

Freud (2012, p. 27) diz que “a pessoa que quebra um tabu torna-se ela mesmo um tabu, pois poderá, por consequência, ser considerada de convivência contagiosa, por ter quebrado um tabu tem o poder de influenciar a outros a imitá-la”. Submetendo-se aos controles e mascarando suas demandas mais profundas, instaurando no corpo as leis de coerção, perpassando de geração em geração normas e condutas que organizam uma sociedade em torno de tabus estruturados.



4. 3.1 Agente transformador do Eu

O outro vem se apresentar em busca de reconhecimento, descrita na filosofia Hegeliana do senhor e do escravo, na luta pela existência do eu ou você. Esse outro vem me afirmar narcisicamente, “*sendo reconhecido como um eu (ego) pelo outro*” (2012). A alteridade que traz o outro em um discurso que se constituem laços sociais, relações existenciais. Na visão psicanalítica a imagem da sensação configura o corpo existente; a imagem de si no mundo é uma imagem de sensação. Dessa forma, tendo como base conceitos psicanalíticos sobre a construção do EU na diversidade do sujeito, que se compreende numa interface entre o inconsciente e a relação com o outro na busca pela confirmação de sua identidade primária, a pesquisa será desenvolvida baseada em processos descritos por Freud sobre o narcisismo.

Pode se acrescentar a partir da citação de Nasio (2009, p.9) que é a repetição da ação que faz com que a imagem corporal se fixe como sensação. Essas sensações ficam na memória inconsciente e são capazes de serem revisitadas em ações do indivíduo na fase adulta, embora sem consciência dessa relação com as vivências na infância. Segundo Dolto (NASIO, 2009, p.9) para entender como se configuram essas sensações trabalha-se com três tipos de memória: a memória básica (segurança), funcional (fisiológica) e erógena (prazer) (2009, p. 25).

4.4 A Neurose e o Transtorno Dismórfico Corporal

4.4.1 A Neurose

Ferraz (2007, apud Dejours) fala da condição psicossomática anular a fisiológica confundindo-se com a teoria psicanalítica de certa forma explicada por Dejours (1988) procura dar uma explicação histórica a esse fato. Para ele, Freud se afasta progressivamente da neurofisiologia e, quando passa a falar em angústia psíquica, refere-se a uma outra angústia que talvez não seja a mesma da qual falava antes, isto é, a angústia somática (aquela das neuroses atuais). “*É provável que já não fale mais dos mesmos doentes. Pois seu centro*



de interesse deslocou-se para os neuróticos” (Ferraz apud Dejours, p.68)”. Segundo Freud [1914/1916] o complexo contexto em que a psicose se desenvolve no sujeito de “*vita sexual normalis*” excluindo nas neuroses atuais a vida sexual normal não poderia ter neurose.

Conceito que deu início ao “*desenvolvimento histórico da psicanálise como primeiro objeto as psicose neuroses*”, mas precisamente as “*neuroses de transferências*”(histeria e neurose obsessiva) (Freud[1914-1916] p. 60) dado a partir dos estudos sobre a histeria, e mais claramente sobre os instintos e seus destinos. Freud faz distinção entre as psicose neuroses e as neuroses atuais. A primeira pela via dos sintomas psíquicos (instintos do Eu) e a segunda pelos sintomas da somatização (instintos sexuais) (p.60)

A psicossomatização é desejo, tomando outra via de se descarregar a energia libidinal investida antes no Eu (autoconservação) agora, no próprio corpo como mecanismo de repressão (p.94). Mas a frente Freud diz que forma de evitar o desencadeamento da angústia levará ao quadro de histeria de conversão, bem diferente do mecanismo de repressão, sobressaindo o desaparecimento completo do afeto denominado por Charcot de “*La belle indifference des hystériques*” (p.95). Freud retorna ao movimento de repressão como um *fracasso em na formação reativa fazendo o lugar reprimido retornar em forma de “angústia social, angústia da consciência, recriminação desmedida”* (p. 97) a partir dessas formações diz ser possível compreender a formação neurótica dos sintomas (p.98).

4.4.2 Transtorno Dismórfico Corporal

O ser humano necessita do contato com o outro para se sentir existente, buscando sempre o reconhecimento do outro para uma afirmação de quem se é tal como é, e quando este reconhecimento não acontece poderá levar a imprimir no inconsciente a insatisfação pela “*imagem do corpo*” (nos planos fisiológico, psicológico, social) segundo Monteiro (2003) uma “*sensação indistinta de feiura*” levando até a dismorfobia ou Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) em que o paciente a todo custo deseja mudar através de

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



cirurgias pequenos defeitos em seu corpo pela insatisfação da imagem (MONTEIRO, 2003).

4.4.3 O Corpo N(eu)rótico e a Nudez

Segundo Lima a psicanálise compreende a mulher além da sexualidade, no discurso histórico no contexto histórico em que Freud viveu, ela sofria as consequências dessa cultura subjugada aos movimentos socioculturais machistas, sem a representação do desejo, e todo desejo era direcionado a vida privada. Freud (1930/1996) no seu livro *O mal estar da civilização*, fala do ego em busca do prazer e tentando fugir da experiência do desprazer.

Proporcionando ao indivíduo então sua primeira noção do princípio de realidade que permeará sua vida, ele cita como usufruto desse mal estar a decadência do corpo, da força da natureza e dificuldade do homem em se relacionar com outros homens e este último como fonte de sofrimento maior, criando assim a necessidade da cultura, busca a felicidade através da responsabilidade. O capitalismo industrial cultural reproduz a ideologia como liberdade de escolha, a imagem corporal torna-se uma representação fundamental, porque é através dela que se ganha reconhecimento estético, saúde, bem-estar, fama e *status* social e financeiro (Ramos, 2008), a ideologia da sociedade de consumo se inscreve no corpo, de onde advém o mal estar descrito por Freud. A produção de beleza na construção de gênero e a nudez apresenta-se a partir de mais ou menos valia como atributos de objeto sexual. A beleza e o corpo são significantes separados por construções independentes segundo Freud, o primeiro como sinônimo do segundo na dependência do Sujeito desejante nas construções sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho está na fase de conclusão da análise dos dados, não possuindo assim conclusões para as considerações finais. Contudo o que pareceu assustar diante da nudez, foi a nudez da nudez, foi o grito de liberdade, a consciência que tiveram dela em si mesmas, do desvelamento que elas propuseram para o olhar do outro. Também chamou atenção em não



- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.____.
Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1984
- LE BRETON. **A SOCIOLOGIA DO CORPO**. D. Petrópolis: Editora Vozes;
2006. 104 pp. ISBN: 85-326-3327-7
- LIMA, Aluísio Ferreira de; BATISTA, Karina de Andrade; LARA JUNIOR, Nadir.
A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. *Psicol.*
estud., Maringá, v. 18, n.1, Mar. 2013 Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000100006&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Aug. 2014.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722013000100006>.
- MINAYO, M. C. S. (1994). **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. In M. C. S. MINAYO (Org.), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (5a ed., pp. 9-18). Petrópolis, RJ: Vozes.
- MONTEIRO, A.C. **Espelho, espelho meu ...**: percepção corporal e caracterização nosográfica no Transtorno Dismórfico Corporal. 2003. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2003.
- NASIO, J.D., **Meu Corpo e suas Imagens**. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- NOVAES, Joana V. **Sobre o intolerável peso da feiúra**: Corpo, sociabilidade e regulação social. 2004. 266f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- VEYNE, Paul. **História da vida privada**: do Império Romano ao ano Mil. Companhia das letras, 1990, 14ª edição.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de janeiro, Jorge Zahar. 2002.
- GOELLNER, S. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v.13, n.2, p.171-96, 2007.
- PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000, p.15

18°REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



PRIORE, M. D. e FREIRE, D. S. **O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea.** Mnemosine: Vol. 1 n. 1, 2005, p. 217-223.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1995. [PDF] [Gênero: uma categoria útil de análise histórica](#) J Scott - Educação e realidade, 1991 - xa.yimg.com Page 1. 1 TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. ...

SILVA, P. **O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.